

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Direito e Ciências do Estado

Marina Alves Carvalho

História do fascismo no Brasil entre os anos de 1930 e 1985

Belo Horizonte
2025

Marina Alves Carvalho

História do fascismo no Brasil entre os anos de 1930 e 1985

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências do Estado da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para o grau de bacharel em Ciências do Estado

Orientador: Prof. Dr. Adamo Dias Alves

Belo Horizonte

2025

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Valdineia, que não mediu esforços para mostrar a mim e aos meus irmãos que o estudo e o trabalho são os únicos caminhos justos para se caminhar. Obrigada por me ensinar que é possível conhecer todo o mundo desde que eu tenha um livro. Obrigada por não medir esforços para nos ver felizes e por sonhar os nossos sonhos. Eu sou quem sou hoje por causa de você. Obrigada!

Aos meus irmãos, Luiz Gustavo e Maria Beatriz, por serem a minha alma gêmea. Por serem na minha vida a concretização genuína de amor. Por serem exatamente a promessa de Deus para nós, um amor “paciente, bondoso, que não inveja e não se orgulha, não se irrita facilmente e tudo suporta”. A vida só vale a pena porque vim para viver com vocês.

Ao João Gabriel, por ter sido e permanecer sendo o meu filme de amor favorito. A vida tem sido mais feliz e divertida com você.

À toda a minha família, meus avós, minhas tias, meus tios e primos, que nunca deixaram de ser acolhimento, carinho e amor. Obrigada por serem o que é de mais belo em ser família.

Ao Benício, ao Tomás, a Cecília e ao Bernardo que diante do turbilhão de responsabilidades se tornaram o meu caminho para a Terra do Nunca. Obrigada por me manterem perto de onde o tempo não corre e os sonhos ainda não possuem limites.

Aos meus amigos, que fazem da vida uma caminhada mais leve. Obrigada por estarem ao meu lado e vibrar junto comigo em todos os momentos.

Ao professor Adamo Dias Alves, por ter me orientado e ensinado durante toda a minha graduação.

E por último, a Deus por ser o responsável por tudo o que há de melhor em minha vida. Obrigada por ouvir todas as vezes que pedi em oração que sua vontade fosse feita mesmo que meu coração se apertasse de medo. Os seus planos são infinitamente melhores que os meus.

Obrigada.

*“No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho*

*Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.”*
Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

A presente pesquisa objetiva analisar o movimento Fascista no Brasil ocorrido entre os anos de 1930 e 1985. Dessa maneira o texto pretende compreender como o fascismo se formou e se caracterizou após a chegada no Brasil por meio do movimento Integralista, destacando como se modificou nos governos de Getúlio Vargas, durante a Ditadura Militar e o período entre ambas ditaduras. O trabalho utiliza uma abordagem qualitativa de fontes secundárias por meio de pesquisas acadêmicas e historiográficas. A análise contextualiza o movimento político em seu surgimento na Itália, sua chegada ao Brasil e como se modelou a política local observando o contexto político e social. O estudo conclui que, apesar das inúmeras características divergentes, o ideário iniciado na Europa criou raízes e se estabeleceu no Brasil adquirindo modelagem própria e assim se perpetuando por meio de discursos e movimentações políticas.

PALAVRAS-CHAVE: Fascismo; Integralismo; Getúlio Vargas; Plínio Salgado; Ditadura Militar;

ABSTRACT

This research aims to analyze the Fascist movement in Brazil between 1930 and 1985. The text seeks to understand how fascism formed and was characterized after its arrival in Brazil through the Integralist movement, highlighting how it changed during the governments of Getúlio Vargas, during the Military Dictatorship, and the period between both dictatorships. The work uses a qualitative approach based on secondary sources through academic and historiographical research. The analysis contextualizes the political movement in its origins in Italy, its arrival in Brazil, and how it shaped local politics, observing the political and social context. The study concludes that, despite numerous divergent characteristics, the ideology initiated in Europe took root and established itself in Brazil, acquiring its own form and thus perpetuating itself through discourses and political movements.

KEYWORDS: Fascism; Integralism; Getúlio Vargas; Plínio Salgado; Dictatorship

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. GÊNESE DO MOVIMENTO FASCISTA.....	9
2.1. Contexto histórico.....	9
2.2. Primeiro governo fascista: Benito Mussolini.....	10
3. MOVIMENTO INTEGRALISTA DURANTE O GOVERNO VARGAS (1930 - 1945)..	12
3.1. Início do movimento integralista.....	12
3.2. Ação Integralista Brasileira e o Governo Vargas.....	16
4. MOVIMENTO INTEGRALISTA PÓS GOVERNO VARGAS (1945-1964).....	18
5. MOVIMENTO INTEGRALISTA DURANTE A DITADURA CIVIL MILITAR (1964-1985).....	22
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	29

1. INTRODUÇÃO

Existe uma quantidade inesgotável de atenção histórica aos primórdios do fascismo. Uma explicação para essa situação é a “convenção darwinista, de que, se estudarmos a origem de algo, entenderemos seu projeto por inteiro” (PAXTON, 2007) . Os desenrolares mais sutis e mais complexos, como negociar acordos e o exercício do poder, passam batido diante da imensa profusão de termos e artefatos culturais do início do movimento.

A escolha do tema, apesar de ser muito debatido pelos intelectuais, se justifica pela necessidade de compreender a história do termo fascista usado para caracterizar o atentado ao Congresso Nacional, ao Palácio do Planalto e ao Supremo Tribunal Federal no dia oito de janeiro de 2023. Ainda que há inúmeros trabalhos acadêmicos, livros e pesquisas, como um movimento político estruturado no século XX caminhou ao longo da história até ser apontado em conflitos antidemocráticos no século XXI?

A presente pesquisa se limita a discutir, baseado em análise qualitativa de fontes secundárias, a história do movimento fascista no Brasil entre os anos de 1930 a 1985. Em primeiro plano é elaborado como ocorreu o surgimento do partido fascista na Itália, como se estruturou e alçou poderes até então nunca vistos. Em seguida é apresentado como Plínio Salgado conheceu o movimento fascista e italiano e baseado nele organizou e direcionou o movimento Integralista no Brasil. Movimento este que esteve presente durante o governo de Getúlio Vargas, no início da Ditadura Militar como integralismo e, após a morte de Plínio Salgado, o movimento passou a ser identificado como neointegralismo.

Baseado no caminho percorrido pela ideologia fascista durante esses anos, compreende que mesmo em momentos mais frágeis do movimento, os militantes ainda ocupam lugar significativo na política brasileira, seja como movimento político ou como base ou oposição ao governo. Dessa maneira entende que mesmo não sendo o discurso principal da política brasileira, os ideais integralistas, semelhantes ao fascistas italianos, permanecem atuantes e buscando visibilidade e poder político.

2. GÊNESE DO MOVIMENTO FASCISTA

2.1. Contexto histórico

O contexto que antecede a ditadura fascista na Itália está profundamente enraizado na Primeira Grande Guerra. A campanha a favor do ingresso da Itália na guerra foi a primeira ocasião em que foram reunidos os elementos fundadores do fascismo italiano.

O espaço político para um ativismo nacionalista de massas mobilizado tanto contra o socialismo quanto contra o liberalismo era apenas visível de forma vaga em 1914, tornando-se gigantesco durante a Primeira Guerra Mundial. (PAXTON, 2007)

Os eventos nos campos de batalha e os conflitos locais eram marcados por grande violência, no qual os países mobilizaram toda a mão de obra e os recursos econômicos com o intuito de saírem vencedores. Antes de 1914, nenhum europeu vivo poderia ter imaginado tanta brutalidade quanto a vista nos campos de batalha. Além disso, durou muito mais do que o planejado para países urbanizados e industriais.

Os europeus haviam experimentado pela primeira vez a experiência prolongada de serviço nacional universal, racionamento de alimentos, e de administração econômica plena. Apesar de todos os esforços, nenhum dos países atingiu os seus objetivos. Em vez de uma guerra curta e com resultados claros, a guerra se encerrou em exaustão mútua e em desilusão. Após a guerra, “os países europeus descobriram como mobilizar a produtividade industrial e a vontade humana para longos anos de sacrifício” (PAXTON, 2007).

Além dos problemas econômicos e das tensões sociais desencadeadas pelo conflito, as cisões políticas foram agravadas. Os veteranos de guerra nutriam severo rancor por aqueles que os haviam enviado para as trincheiras, afirmavam o seu direito a governar o país pelo qual haviam lutado.

Neste momento, é importante apontar também a iminência de uma Revolução Comunista, a Rússia após a implantação do governo comunista desejava expandir os seus ideais. A Itália estava diante do crescimento do Partido Socialista Italiano, que triplicou seu número de apoiadores, conseguindo aproximadamente um terço das cadeiras parlamentares antes da guerra. Inúmeros prefeitos socialistas eram empossados, e gerava confisco de terras e greves. E como pano de fundo revolucionário, a Rússia assombrava a Europa como a primeira revolução socialista a obter êxito.

Diante desse borbulhar de conflitos, o governo democrático funcionava mal, os dirigentes políticos eram incapazes de resolver as dificuldades que apareciam, sendo essa a brecha para que o fascismo florescesse.

2.2. Primeiro governo fascista: Benito Mussolini

Ao fim da Primeira Guerra Mundial, Mussolini cunha o termo *fascismo* para descrever o grupo composto por ex-soldados nacionalistas, jovens intelectuais e revolucionários sindicalistas pró-guerra, que vinham se reunindo em oposição ao governo.

Ao fim da Primeira Guerra Mundial, Mussolini cunhou o termo *fascismo* para descrever o estado de ânimo do pequeno bando de ex-soldados nacionalistas e de revolucionários sindicalistas pró-guerra que vinha reunindo a seu redor (PAXTON, 2007)

Diferentemente de outros movimentos, os fascistas mediam a força dos Estados com base, não apenas em seu poderio militar, mas no fervor e na unidade de sua população. Propunha superar os conflitos de classe integrando a classe trabalhadora à nação, pela força se necessário, e também se livraria dos “forasteiros” e “impuros”. Não viam sucesso em manter a paz, esperavam que as guerras permitissem que raças superiores prevalecessem sobre as demais, enquanto as raças “mestiçadas” se tornariam seus servos.

O movimento de Mussolini não se restringia ao nacionalismo e aos ataques à propriedade, mas fervilhava também de prontidão para atos violentos, de antiintelectualismo, de rejeição a soluções de compromisso e de desprezo pela sociedade estabelecida, características essas comuns aos três grupos que constituíam a massa de seus primeiros seguidores - veteranos de guerra desmobilizados, sindicalistas pró-guerra e intelectuais futuristas. (PAXTON, 2007)

Benito Mussolini, ex-soldado, buscava voltar à política como um líder dos veteranos, entendidos por grupo de apoiadores advindos das unidades de combatentes que se sentiam no direito de governar o país que eles haviam salvo. Os sindicalistas pró-guerra estavam próximos desde 1915, quando buscavam levar a Itália à primeira guerra. Justificaram que a guerra levaria a Itália para mais perto da revolução social, diferente do que aconteceria se o país permanecesse neutro.

Em conjunto a eles, os jovens intelectuais, caracterizados como futuristas, eram uma associação livre de artistas e escritores que exaltavam as qualidades libertárias e vitalizantes da velocidade e da violência, assim haviam apoiado Mussolini no estopim da Primeira Guerra e permaneceram ao lado dele após 1919.

O fascismo foi originado na Itália mas Mussolini não era o único na Europa, outros movimentos semelhantes vinham surgindo no pós-guerra. Independentes das ações do fascismo italiano mas expressando o mesmo ideal nacionalista, anticapitalista e de forte violência contra seus inimigos.

Os grupos fascistas não recrutavam em todas as classes sociais na mesma proporção. Eram compostos basicamente por membros da classe média, a ponto de serem percebidos

como a própria corporificação dos ressentimentos dessa classe e em alguns locais atraíam também eleitores da classe alta. Em condições específicas alguns proletários também eram atraídos para os partidos fascistas, em especial os trabalhadores não-qualificados ou de baixa qualificação, que eram recrutados baseados no ressentimento que sentiam com relação aos imigrantes judeus recém chegados.

Quando Benito Mussolini decidiu transformar seu movimento em um partido, alguns dos seus seguidores iniciais enxergaram nessa decisão uma queda ao entrar na arena do parlamentarismo burguês.

O partido fascista alcançou a vitória nas primeiras eleições após a guerra em 1919, e optou por adaptar o seu movimento às oportunidades que surgiam ao invés de impor o fascismo nacionalista, em seguida a nacionalizações e tributação que foram restringidas ao direito dos trabalhadores de defender metas econômicas.

No ano de 1920, o rei italiano Vittorio Emmanuel III ofereceu ao líder fascista o cargo de primeiro-ministro, devido à organização da Marcha sobre Roma, na qual inúmeros apoiadores do fascismo se dirigiram a Roma como forma de manifestação. Apesar de ter alcançado poder sob a autorização real, Mussolini se movimentou para criar o mito de que havia tomado o poder por sua própria vontade e por sua própria força.

Nos primeiros meses ocupando o cargo, Mussolini possuía seu poder limitado por precisar governar em coalizão com seus aliados conservadores. Mas não demorou para que esse ponto de apoio se tornasse uma ditadura. A verdadeira tomada de poder pelos fascistas ocorreu ao modificar um cargo semi constitucional em autoridade pessoal ilimitada.

A conquista desse poder ocorreu de maneira gradual e por dois anos contentou-se em governar como um primeiro-ministro comum em um regime parlamentarista. Contudo, a ameaça de violência não a situação fugisse do controle não deixou de existir.

Esse período de controle do movimento fascista chegou ao fim após o assassinato do secretário da ala reformista do Partido Socialista Italiano, após acusar os fascistas de corrupção e atos de ilegalidade nas eleições ocorridas em 1924. Em 1925, Mussolini assumiu a responsabilidade do ocorrido e, em conjunto com a milícia fascista, começaram a fechar jornais e organizações da oposição, além de prender seus adversários.

Nos dois anos que se seguiram, o parlamento dominado pelos fascistas, pressionado por diversos atentados contra a vida de Mussolini, aprovou uma série de Leis para a Defesa do Estado, que fortaleciam o poder da administração, substituíam prefeitos eleitos por funcionários nomeados para o cargo, submeetiam a imprensa e o rádio a censura, restituíam a pena de morte, davam aos sindicatos fascistas o monopólio da representação trabalhista e dissolvem todos os partidos com a exceção do PNF. (PAXTON, 2007)

Já no ano de 1927 a Itália era considerada uma ditadura de partido único. Os conservadores aceitaram o golpe interno de Mussolini por medo de que o comunismo que havia sido implantado na Rússia ocupasse o cargo de liderança italiano.

3. MOVIMENTO INTEGRALISTA DURANTE O GOVERNO VARGAS (1930 - 1945)

3.1. Início do movimento integralista

Plínio Salgado, futuro líder do movimento integralista, foi ao encontro de Benito Mussolini, enquanto o Brasil passava por transformações políticas ocasionadas pela Revolução de 1930. Empolgado, consolidou sua idealização para a formação do integralismo, o maior movimento de direita da história do Brasil, baseado nos conselhos de Benito Mussolini. Iria criar um movimento preliminar de ideias, pautando a sociedade em uma nova consciência, para, posteriormente, formar um partido político. Após o encontro, a relação de apoio entre os líderes estava estabelecida.

A versão brasileira do Mussolini seria, certamente, o próprio Plínio Salgado, que se autodenomina gênio, dando aos intelectuais um papel de destaque nesse novo Brasil: “É preciso que nós, intelectuais, tomemos conta do Brasil. Definitivamente. Temos de romper com a tradição medíocre da política. Estamos fartos de vivermos, nós, intelectuais, à sombra dos poderosos. Queremos mandar.” (GONÇALVES, NETO, 2020)

Apesar da admiração pela política italiana e sua inspiração sobre ela, Plínio buscava alcançar posição de destaque no cenário político brasileiro sem demonstrar sua inspiração. Seu objetivo era ser o ponto de partida, apontava não possuir influência fascistas por possuir ideias próprias. Apesar de sua base na ditadura italiana, gostava de discursar alegando possuir pensamento próprio, original e sem correlação com qualquer outro político.

Apesar dos esforços de Plínio para não estabelecer correlação com o fascismo, era exatamente essa semelhança que carregava multidões para formar as fileiras do integralismo.

Uma relação íntima em vários aspectos e de solidariedade ideológica, e alguns dos caminhos concretos pelos quais elas se deram são, pois, evidentes, e revelam aspectos desconhecidos da história da AIB e da própria política italiana e brasileira no período, aspectos estes que ressaltam como os dois movimentos se viam como semelhantes, trocavam apoio direto e experiências entre si através do canal concreto dos órgãos diplomáticos e da colônia e também de outras organizações (como a Igreja Católica), e que as aproximações entre os dois foram realmente mais fortes do que as divergências. (BERTONHA, 200)

Assim, buscava romper com as tradições da velha política com um discurso autoritário, antiliberal, antidemocrático, anticomunista, baseado em uma estrutura nacionalista

e na concepção cristã radical e conservadora. Elementos os quais foram potencializados quando observou a prática desse modelo na Itália.

A relação entre Mussolini e Plínio Salgado foi mantida nos anos que se seguiram por meio de acordos financeiros entre o governo italiano e o movimento integralista. O Partido Fascista italiano enviava dinheiro ao Brasil por acreditar que o movimento brasileiro seria uma possibilidade de expansão política e doutrinária nas Américas.

Ao chegar ao Brasil após sua viagem a Itália, Plínio Salgado iniciou o seu projeto intelectual, o jornal *Razão*, ambiente em que passou a debater e estabelecer elementos para a formação de um novo grupo, a Sociedade de Estudos Políticos (SEP), caracterizado como o primórdio do integralismo. A criação da SEP, buscava organizar um grupo que pudesse discutir um novo movimento político, tendo como princípio um forte nacionalismo conservador e revolucionário, seguindo o conselho de Mussolini.

Posteriormente, em 1932, foi consolidada a criação da Ação Integralista Brasileira (AIB) com o intuito de ampliar as atividades da Sociedade de Estudos Políticos.

O Manifesto de Outubro, documento redigido por Plínio Salgado para dar início e estabelecer diretrizes ao movimento integralista, era composto por dez capítulos, que continha críticas aos partidos políticos e defendiam o princípio da autoridade. Para além disso, denunciava uma conspiração contra o Brasil e propunha um programa social para defender a família conservadora, bem como um Estado de tipo Fascista, o Estado Integral. A ligação religiosa passava a ser uma das bases do movimento integralista. O lema “Deus, pátria e família” se encaixava perfeitamente nos princípios da doutrina conforme o manifesto.

Plínio Salgado ocupava posição de chefe nacional e tinha como função orientar, doutrinar e executar, além de possuir a direção total e indivisível do movimento, tornando seu poder centralizado, total e permanente.

Um aspecto que caracterizava muito bem a natureza de seu poder é a função de ser inatingível, perpétuo e com uma fidelidade ilimitada. Essa valorização teve como consequência o culto da sua personalidade, que caminhava entre um chefe político e um chefe religioso. (GONÇALVES, NETO, 2020)

A Ação Integralista Brasileira alcançou uma visibilidade ainda não vista no país, sendo considerado o movimento fascista de maior sucesso na América Latina. Possuía como símbolo a letra grega sigma - Σ - um símbolo matemático que indica o projeto de um Estado único e integral e a soma dos números infinitamente pequenos - analogia aos membros da AIB.

Os membros usavam uniformes de produção nacional, suas camisas eram verdes de brim ou de algodão, a gravata era de tecido preto e liso. Com um gorro verde de duas pontas e calças brancas ou pretas, na zona rural a cor caqui era permitida. As mulheres usavam a mesma camisa e saia preta ou branca.

Caso algum integralista vestisse a camisa para consumir álcool, dançar, jogar ou mesmo apresentá-la em desalinho, seria punido com uma falta disciplinar grave. Era proibição máxima. Se um membro fosse preso, esse integralista deveria pedir licença para retirar sua camisa, salvo em caso de prisão política, quando deveria ostentá-la com orgulho. A camisa verde era um elemento moralizador, assim como aquele que a vestisse. O uniforme era entendido como um elemento de supressão de qualquer diferença, agrupando todos os membros num bloco ordenado e integral. (GONÇALVES, NETO, 2020)

Em conjunto ao uniforme, o integralista carregava uma bandeira com as cores azul e branco. O azul simbolizava a atitude integralista, indicando que o movimento não possuía limites políticos, e o branco a pureza de sentimentos, uma mistura de todas as cores, simbolizava o objetivo, a união do país. A saudação integralista “Anauê” em tupi significava “Você é meu parente”, usada como caracterização do movimento, servia para exaltar, afirmar, consagrar e manifestar alegria. Era pronunciado com voz natural, quando individual e com voz clara e decidida, quando coletiva.

A simbologia era característica marcante do movimento e ainda acompanhava o gesto com o braço direito estendido até a posição vertical, o que era considerado uma expressão do ideal nacionalista. Dessa forma, este movimento era caracterizado como uma grande família dos camisas-verdes e um movimento nacionalista de sentido heroico.

Nos primeiros anos, diversos intelectuais, representantes da extrema direita, em várias regiões do Brasil, passaram a atuar no movimento devido ao forte apelo nacionalista. Com a proposta de formação de um grande movimento nacional, a AIB montou sua sede em São Paulo e se expandiu pelas regiões do país e criou laços em outros países.

Houve um impacto, inclusive no exterior, com núcleos organizados em Montevidéu, Buenos Aires, Filadélfia, Genebra, Zurique, Porto, Berlim, Varsóvia e Roma. Além de atividades em Nova Orleans, Washington, Paris, Tóquio, Santiago do Chile, Las Palmas e Lisboa. Havia a defesa de um nacionalismo baseado no conservadorismo. Para a implementação de uma estrutura autoritária, defendiam uma sociedade forte e organizada. (GONÇALVES, NETO, 2020)

Após a tentativa revolucionária desencadeada pela Aliança Liberal e pelo Partido Comunista, em 1935, o fantasma comunista passou a fazer parte do imaginário social dos brasileiros, para as elites e para a classe média. Esse medo passou a ser o impulsor para a adesão de muitos integralistas. O próprio Plínio Salgado se aproveitou da comoção e

aumentou o discurso para criar tumultos que serviriam de pretexto para a tentativa de um golpe autoritário.

A partir desse clima de insegurança, os integralistas conseguiram aumentar seu financiamento, uma vez que os grupos de prestígio viam no comunismo um perigo real e concediam quantias consideráveis à AIB para ajudar no combate ao movimento de esquerda.

O relacionamento da religião com o movimento integralista sempre foi uma característica presente. Apesar da forte ligação com o catolicismo, o integralismo não estava ligado a uma religião específica. Grande parte dos membros eram católicos, mas havia um grupo muito forte de protestantes e espíritas. O anticomunismo proporcionou o ecumenismo integralista, gerando unidade religiosa no movimento.

Esse integralismo é formidável. Você, espírita convicto, e eu, sacerdote católico, e nos entendemos bem, não é? É chegado o momento de se unirem todos os que gloriam o nome de Deus”, exclamou dom Helder ao líder espírita na AIB, Jayme Ferreira da Silva.”(GONÇALVES, NETO, 2020)

Entre os anos de 1932 e 1933, Gustavo Barroso e Miguel Reale passaram a fazer parte do movimento integralista, formando a tríade chefia integralista em conjunto com Plínio Salgado. Os textos de Reale e Salgado atacavam o capitalismo e o comunismo internacional, em contrapartida Gustavo Barroso atacava o antisemitismo.

Gustavo Barroso era um intelectual consolidado, no movimento integralista foi nomeado comandante-geral das milícias e membro do Conselho Superior. Foi responsável por traduzir o panfleto antisemita do czar Nicolau II o qual apresentava uma trama em que os judeus eram culpados de todos os males da modernidade. Baseado na aceitação dos círculos autoritários e conservadores da obra traduzida, Barroso foi considerado o principal representante do antisemitismo brasileiro.

Com um caráter político eleitoral, o movimento possuía uma visão idealizada e paternalista do indígena, e por isso permitia a presença de militantes negros. Os integralistas discursavam sobre a miscigenação em defesa do valor do trabalho negro na construção social. A Frente Negra Brasileira (FNB), movimento fundado por intelectuais negros e reunia inúmeros militantes do país, que defendia um forte nacionalismo e uma rígida organização hierárquica possuía fortes laços com a AIB.

Miguel Reale possuía uma opinião divergente em relação ao racismo. Com formação estruturada nos teóricos do fascismo italiano e mais próximo de Salgado era responsável pela doutrina do movimento e pela organização da juventude integralista, sendo considerado um dos principais ideólogos.

O que unia os três líderes era o conservadorismo e atuação política. Contudo, cada um possuía as suas particularidades, principalmente em relação às perspectivas e diretrizes para o país.

As três tendências foram indispensáveis para a formação do integralismo. Com Plínio Salgado, um cristianismo social, para Gustavo Barroso, a linha antisemita, e para Miguel Reale, uma estrutura mais social, política e econômica. (GONÇALVES, NETO, 2020)

Após a fundação oficial, o integralismo passou a ser divulgado por meio de cartas, telegramas e jornais atingindo significativa parcela da população. As concentrações de rua eram frequentes, na qual estavam presentes homens, mulheres e crianças com o intuito de mostrar a força do movimento.

O integralismo buscou a legalização partidária visando as eleições de 1938. Em plebiscito os membros internos do movimento votaram para que Plínio Salgado fosse indicado como chefe nacional. Contudo, dois meses antes da eleição o golpe do Estado Novo foi decretado, Getúlio Vargas se manteve no poder saindo da presidência apenas em 1945. Com a mudança no cenário político brasileiro, a presença dos integralistas na implantação do Estado Novo passou a ser o objetivo dos camisas-verdes.

3.2. Ação Integralista Brasileira e o Governo Vargas

Muitos integralistas passaram a defender o Estado Novo por entenderem que os ideais do governo representavam as doutrinas estabelecidas pela Ação Integralista Brasileira desde 1932, como a supressão de partidos políticos. Em adesão ao governo de Vargas, os integralistas passaram a promover manifestações de apoio ao governo.

Após o golpe, o presidente Getúlio Vargas havia prometido aos integralistas participação no Estado Novo, sendo responsáveis pelo Ministério da Educação. No entanto, a promessa não foi cumprida, despertando nos integralistas sentimento de traição aliado ao desejo de vingança. Esse acontecimento estabeleceu um estado de revolta no movimento, o que levou seus integrantes a um levante armado.

Neste momento, ficou claro que Getúlio Vargas apenas usou da força política dos militantes integralistas para auxiliar a consolidação do Estado Novo, que dissolveu todos os partidos políticos, proibiu milícias cívicas e restringiu o uso de uniformes e simbologias das entidades, inclusive da AIB. Com o fechamento da Ação Integralista Brasileira, Plínio Salgado criou a Associação Brasileira de Cultura (ABC) que buscava seguir os ideais do integralismo. O objetivo era dar continuidade ao integralismo dentro do estabelecido por lei, mas, apesar dos esforços, não conseguiu registrar a nova organização.

Os integralistas não perdoaram Vargas e iniciaram uma ação armada contra o governo. O ataque ao Palácio Guanabara foi ponto decisivo na relação entre Getúlio Vargas e o movimento integralista. Com o intuito de depor o presidente, os membros integralistas invadiram a residência do presidente, cortaram a eletricidade e até os telefones.

Contudo, o ataque ao presidente não obteve êxito e diversos membros do movimento integralista ficaram detidos e foram processados pelo Tribunal de Segurança Nacional. Outra parcela foi morta, sem direito aos rituais fúnebres e sendo enterrados em covas rasas sem identificação.

Diante do contexto de revolta do movimento integralista, Getúlio determinou a prisão de Plínio Salgado. Após vários meses como refugiado, Plínio ao ser preso afirmava em seu depoimento que não estava envolvido em nenhum ato violento e que não ordenou ações desse tipo aos seus comandados.

Plínio Salgado afirmou em seu depoimento a versão de que não estava envolvido em nenhum ato violento e que muito menos ordenou ações desse tipo aos seus comandados. Completou dizendo que a ação de violência ocorreu como uma consequência à morosidade do governo em cumprir o acordo estabelecido no ato do golpe de 1937. Sua intenção era excluir qualquer possível participação nos ataques ou em articulações contrárias ao governo, jogando a culpa da instabilidade política em Getúlio Vargas por não cumprir o acordo estabelecido com os integralistas em 1937. (GONÇALVES, NETO, 2020)

Em resposta à repressão policial do Estado Novo às atividades clandestinas da AIB, inúmeros integralistas fugiram para o exílio ou foram cooptados pelo varguismo, enquanto outros foram processados pelo Tribunal de Segurança Nacional. Após o ataque ao Palácio Guanabara que desfragmenta a Ação Integralista Brasileira, os membros se encontravam desarticulados e não dispunham de uma forte e central liderança.

Miguel Reale por exemplo, havia fugido para a Itália e alegava estar desiludido com o fascismo, sem esperança em relação à sobrevivência da AIB. Reale enxergava na movimentação de rearticulação integralista um perigo para as possibilidades pacíficas de soluções dos problemas nacionais. Tais afirmações marcaram a ruptura de Reale com o integralismo.

Gustavo Barroso conseguiu trânsito livre no Estado Novo, principalmente por ser membro da Academia Brasileira de Letras ao lado de Getúlio Vargas. Baseado nesse contexto, as atividades com o integralismo foram apenas protocolares, e sua relação com Plínio Salgado se encerrou em 1945.

Para Salgado, o seu caminho estava traçado para Portugal. Ocorreu uma negociação entre os governos de Getúlio Vargas e António de Oliveira Salazar para negociar o exílio do

líder integralista. Portugal era um ambiente seguro a ele, havia relações de amizade do seu núcleo conservador. Apesar de não ser um exilado político, o líder integralista afirmava que “era um refém da ditadura getulista” (GONÇALVES, NETO, 2020). O autoexílio perdurou até 1946, momento fundamental para a reestruturação do integralismo brasileiro.

A tríade entre Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso estava desfeita. Somente Plínio desejava um futuro para o movimento integralista.

Em seu exílio em Portugal dividia seu tempo entre relações com os portugueses e negociações com o Brasil buscando retornar ao país.

Para Plínio Salgado, existiam três possibilidades de ação tentativa de acordo rápido com Vargas, propiciando um retorno ao Brasil, possibilidade de uma aliança com a Alemanha nazista no contexto da Segunda Guerra Mundial e formação de um novo caminho voltado para um discurso religioso, mas mantendo a conotação política. (GONÇALVES, NETO, 2020)

Contudo, precisou ser afastado do centro político e cultural de Portugal por problemas de saúde. Esse contexto representou uma pausa em qualquer possibilidade de ação do movimento integralista. Da mesma maneira Plínio, ainda assim, continuava tentando voltar ao Brasil, mas Vargas não demonstrou interesse algum pela presença dele no país.

Sem acordo com o presidente Getúlio Vargas, Salgado estabeleceu um discurso incontestável para a reconstrução do integralismo, a utilização da palavra de Deus e o cristianismo como justificativa de práticas políticas. Assim, estabeleceu uma nova fase política baseada no cristianismo português.

Foram desenvolvidas práticas intelectuais em torno de uma concepção cristã pensada em uma nova composição política. Plínio passou a articular-se para a formação de um novo partido integralista, o Partido de Representação Popular (PRP). Para esse novo projeto “havia um modelo exemplar a ser seguido: Antônio de Oliveira Salazar”. (GONÇALVES, NETO, 2020)

4. MOVIMENTO INTEGRALISTA PÓS GOVERNO VARGAS (1945-1964)

Em 1945, após a queda do governo de Getúlio Vargas, o Brasil estava se despedindo de uma ditadura e caminhando para uma nova democracia. No país havia uma forte campanha contra o movimento integralista, ocasionado pela antiga relação entre os getulistas e os integralistas, dessa forma a rearticulação dos camisas-verdes seria complexa. Com a participação do Brasil da Segunda Guerra Mundial havia uma forte oposição ao fascismo, que mobilizou intelectuais, movimentos sociais, comunistas e socialistas.

No mesmo ano Plínio Salgado elaborou o Manifesto-diretiva que definia a reorientação doutrinária do integralismo, apontando seu caráter espiritualista, anticomunista e com um discurso contrário ao fascismo. Colocou de lado os símbolos que identificavam os componentes do Sigma, e manteve, porém, os princípios “Deus, pátria e família”. Esse novo documento marcava a mudança da trajetória de Plínio Salgado e do movimento integralista.

Alguns dias após a publicação do manifesto na imprensa o Partido de Representação Popular foi fundado, faltando apenas cinquenta dias para as eleições de 1945. O movimento integralista decidiu apoiar a candidatura do general Eurico Gaspar Dutra, como estratégia para obter ajuda na legalização do novo partido. Apoio que foi considerado curioso, uma vez que Dutra era o candidato apoiado por Getúlio Vargas e representava a continuação do legado do Estado Novo.

Com a fundação do Partido de Representação Popular e as novas eleições, Plínio considerava o momento seguro para retornar ao Brasil. No entanto, o clima que o aguardava não era adequado, o seu passado e a associação direta com o fascismo não foi esquecido por grupos políticos e sociais, motivos que não o impediram, junto de sua esposa, de retornar ao país.

A estrutura interna do PRP possuía Plínio Salgado como posição central, com um eficiente controle partidário. Foi o único candidato à presidência do partido em todas as eleições até a extinção em 1965. Possuíam alguns deputados eleitos pela base eleitoral semelhante à época da AIB, classe média, comerciantes e profissionais liberais. O nacionalismo era mantido, assim como nos anos 1930, mas com relações e associações a correntes internacionais, em especial os Estados Unidos.

O desafio enfrentado por Plínio nesse contexto era de mostrar ser democrático e adaptado à nova ordem vigente. Utilizava da política de alianças para demonstrar que o novo partido era democrata, de patriotas e com livre trânsito na República. Entretanto, essa afirmação integralista de defesa pública da democracia não era tão visível no interior do partido. A necessidade de transparecer a imagem democrática obrigava Plínio Salgado a discursar, a todo momento, sobre o assunto.

Essa necessidade de convencimento sobre a democracia e as mudanças políticas nacionais gerou grande instabilidade partidária. Apesar dos esforços, muitos criticavam a política de alianças e a oposição interna ficou cada vez mais forte.

Em 1950, pela primeira vez, Plínio Salgado seria candidato pelo novo partido, com uma política de alianças. A formação de uma frente conservadora reunindo PSD e UDN tornou possível obter apoio a candidatura de Plínio ao Senado pelo estado gaúcho. A

candidatura foi muito criticada pelos adversários políticos, acusavam o PRP de representar o fascismo herdado pela AIB. Apesar dos esforços, o líder dos integralistas não obteve votos suficientes para se eleger.

Nessa mesma eleição, Getúlio Vargas foi novamente eleito presidente do Brasil. Plínio, em resposta, estabeleceu um forte sentimento anti-varguista, associando o novo governo ao antigo Estado Novo. Nesse contexto, o partido integralista estava mais organizado, o líder partidário sabia que precisava manter a idolatria e a obediência ao líder nacional vivo e continuar nutrindo um sentimento anticomunista.

As fotografias de Plínio Salgado passaram a ser comercializadas dentro do partido, ritos foram realizados em homenagem a ele, além de cerimônias para a instalação de seus retratos nas sedes do partido. Havia vários elementos de semelhança entre a Ação Integralista Brasileira e o Partido Democrata Cristão. Em relação às simbologias, um sino de prata foi inserido como símbolo maior do partido que representaria uma espécie de alerta contra os males que rondam o Brasil. Os atos simbólicos do partido eram rigidamente definidos, como a organização das mesas de reuniões e a decoração de todas as sedes do partido. Semelhante a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular utilizou da imprensa como principal veículo de propagação de seus ideais.

Após a crise política que acarretou o suicídio de Getúlio Vargas, em 1954, Plínio tentou contato com Café Filho, com o intuito de estabelecer alianças, mas o novo presidente ignorou as ofertas e apoio do integralista.

Nesse período, Salgado viajou o país com o objetivo de divulgar as propostas e consolidar uma autoimagem de defensor dos pobres e de um político que não se resumia aos partidos. O contato popular tinha como propósito a divulgação dos ideais doutrinários e anticomunistas de Plínio com o propósito de se candidatar à Presidência da República.

Nas eleições de 1955, Plínio Salgado obteve votos o suficiente para empolgar os seus apoiadores. Apesar de ter ficado em último lugar, os dirigentes valorizaram o resultado. A candidatura buscava a unidade entre os militantes, em especial dos insatisfeitos com a política de alianças.

Com o novo governo liderado por Juscelino Kubitschek, o PRP passou a ter espaço na base com o ingresso dos deputados do partido no Bloco Parlamentar da Maioria. Os integralistas passaram a comandar a direção do Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC) e a presidência do Instituto de Previdência dos Servidores Públicos (IPASE).

Apesar da posição de destaque obtida, a crise partidária estava evidente. Havia uma insatisfação de militantes em relação a participação do partido nos arranjos da política

institucional. Além do descontentamento com a suposta negação à raiz integralista no PRP, ocorrida desde o regresso de Plínio Salgado do exílio.

O PRP tem uma sigla que não significa nada: Partido de Representação Popular, todos são de representação popular, não é verdade? Nisso nós não fomos felizes. Os fundadores do integralismo não foram felizes. Porque: o PRP — Partido de Representação Popular. Ora, todos os partidos são de representação popular, vão representar o povo no Congresso. (GONÇALVES, NETO, 2020)

Em 1957, ano em que se comemorou 25 anos de fundação da Ação Integralista Brasileira, os militantes se reuniram no estado do Espírito Santo, para o Primeiro Congresso da AIB. Em discurso, Plínio Salgado, afirmou a volta da simbologia integralista dos anos 1930: “O Conselho Político Nacional pede deferimento para que seja substituído o nosso atual emblema do partido pelo Sigma [...]” (GONÇALVES, NETO, 2020). O retorno do Sigma como símbolo oficial possuía como objetivo modificar o perfil do Partido de Representação Popular.

Nas eleições de 1958, Plínio Salgado, pela primeira vez, alcançou vitória como deputado federal pelo estado de São Paulo e no espírito democrático. A imprensa e grande parte da política esperavam ansiosos o líder integralista no Congresso Nacional. A chegada do líder integralista no plenário foi cercada de tumultos. Todos desejavam ouvir Salgado e sua versão dos acontecimentos, principalmente sua aproximação com o fascismo.

O PRP defendia uma reforma político-administrativa, semelhante à ditadura do Estado Novo português de Salazar. A representatividade da bancada do Partido de Representação Popular era mínima no Congresso Nacional mas possuíam representatividade ativa nos limites do partido, atuavam, principalmente, na educação, na qual Plínio Salgado possuía atividades na Comissão de Educação e Cultura.

Nas eleições de 1960, os integralistas continuaram agindo na esfera institucional. Poucas semanas antes das eleições, o PRP apoiou oficialmente o marechal Henrique Teixeira Lott, candidato do Partido Social Democrata (PSD) que foi derrotado por Jânio Quadros do Partido Trabalhista Nacional (PTN). Mas, bastou a vitória de Jânio Quadros para que o Partido de Representação Popular mudasse seu apoio.

Mais tarde, após a renúncia de Jânio Quadros, o partido defendeu a posse do vice-presidente João Goulart. Mesmo com a modificação política, o partido integralista conseguiu manter à frente do INIC e à presidência do IPASE.

O ano em que Jango governou foi marcado por crises políticas e institucionais. A gravidade culminou com a queda do presidente após ser acusado de comunista, e assim, cedeu lugar aos militares que foram recebidos com a exaltação integralista. O Partido de

Representação Popular teve uma participação relevante no processo que conduziu ao golpe civil-militar de 1964, portanto, era o fim da democracia brasileira, e entre os responsáveis estavam os integralistas.

Foi inaugurada a ditadura, que inclusive ocasionou o fim do Partido de Representação Popular; no entanto, muitos — inclusive o próprio Plínio Salgado — tinham a expectativa de ser o momento de o integralismo brasileiro, a partir de 1964, finalmente, criar uma organização política-cultural verdadeiramente nacionalista. (GONÇALVES, NETO, 2020)

5. MOVIMENTO INTEGRALISTA DURANTE A DITADURA CIVIL MILITAR (1964-1985)

Dias após a queda da democracia, Plínio Salgado formalizou o apoio do Partido de Representação Popular ao general Castello Branco. Em vários momentos, a Câmara dos Deputados foi usada pelo partido para tecer elogios e exaltações ao general Olympio Mourão Filho, um dos idealizadores do golpe e de outros representantes da política nacional. O PRP possuía esperanças de que em 1964 fosse o momento dos integralistas alcançarem o poder que sempre almejavam. Enxergavam no discurso militar, em defesa da soberania nacional e de um Brasil forte, semelhança com o ideal histórico do integralismo.

Em 1965 desconsiderou a visão militar um ato revolucionário, por reconhecer que o golpe militar não era integralista. Essa percepção ficou clara principalmente após o governo militar decretar o Ato Institucional nº2 (AI-2) que extinguiu todos os partidos políticos, inclusive o Partido de Representação Popular. Apesar da insatisfação com a atitude ditatorial, não possuíam escolha, se mantinham ao lado do governo na Aliança Renovadora Nacional (Arena) ou ao lado do Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

Plínio Salgado, líder do movimento integralista, optou por manter filiado a Arena apesar de muitos filiados ao PRP e líderes estaduais não aceitarem a migração por se tornarem minoritários dentro do novo partido. Plínio se mantinha insatisfeito com se manter como apoiador do governo e não ganhar nada por estar ali.

A participação dos integralistas na Arena foi discreta. Contando com apenas dois membros, Plínio Salgado e Oswaldo Zanello, foi utilizada a estratégia de manter a unidade não oficial do PRP na Arena. Por correspondências, os militantes integralistas eram comunicados pelos diretórios das diretrizes do líder. Ainda havia uma mobilização. (GONÇALVES, NETO, 2020)

Nas eleições de 1966, a primeira pela Arena, o impacto integralista foi pequeno. Elegeram apenas quatro deputados federais, entre eles Plínio Salgado, pelo estado de São Paulo.

Com o decreto do Ato Institucional nº 5 (AI-5) os integralistas buscaram outras investidas no governo. Após o afastamento do general Costa e Silva, alcançaram o poder na Junta Militar, formado por três ministros militares, dois eram integralistas, o brigadeiro Márcio de Souza Melo e o almirante Augusto Rademaker. Com a formação da junta passaram a ter esperanças, principalmente pela possibilidade de indicação de um integralista general Albuquerque Lima como possível presidente.

Mesmo sendo derrotado por outro general, os integralistas mantinham a esperança de alcançar o governo. Com poucas possibilidades de ação, Plínio Salgado continuava a ser o grande nome integralista no regime militar.

As atividades integralistas no governo eram cada vez mais escassas. Salgado se destacava em projetos de cunho moral e conservador. Com o passar dos anos, ocorreu o processo de consolidação ditatorial no regime militar, o que impediu que as propostas do Partido de Representação Popular pudessem avançar.

Em 1970, Plínio decidiu concorrer novamente a uma cadeira no Congresso Nacional pela Arena. Era um momento em que os integralistas buscavam ativar o movimento, principalmente porque o líder integralista estava mais velho. Três principais organizações buscavam rearticular e manter o processo de doutrinação integralista ativo, a Cruzada de Renovação Nacional, os Centros Culturais da Juventude e a tentativa de rearticulação da União Operária e Camponesa do Brasil.

A Cruzada reunia e coordenava diversas organizações integralistas. Foi inaugurada oficialmente no ano de 1972, em comemoração aos 40 anos do integralismo. A CCCJ não havia desaparecido durante o período da ditadura, apesar de ter perdido bastante força. A UOCB era basicamente mantida com verbas pessoais do Plínio Salgado e teve pouca atuação de Jader Medeiros. (GONÇALVES, NETO, 2020)

Plínio Salgado e os integralistas possuíam mania de grandeza, ainda que não possuíssem ideais semelhantes, para eles o regime ditatorial de 1964 possuía não apenas representantes mas concepções integralistas. Em pronunciamentos Plínio buscava destacar sua amizade com pessoas influentes e indicar que muitos atos do governo eram de inspiração integralista.

Alguns integralistas, mesmo que não tivessem relações diretas com o Partido de Representação Popular, ocuparam postos governamentais de primeiro escalão. Havia certa influência sobre alguns antigos militantes que possuíam atividades na Arena, mas, com a dissolução do PRP, os poderes ficaram limitados. As declarações públicas de Plínio Salgado, por mais intensas que pudessem ser, não tinham mais o mesmo impacto de antes.

Em 1974, Plínio Salgado anunciou uma nova candidatura em um inflamado discurso que proferiu no Congresso. Houve um planejamento para a reeleição, mas a entrada de Plínio Salgado no pleito não ocorreu. No mesmo ano, decretou aposentadoria da vida pública, com um discurso de uma vida dita vitoriosa, despediu-se do cenário político brasileiro.

Com a saúde debilitada, passou a escrever artigos para jornais, além de auxiliar nas atividades da Confederação dos Centros Culturais da Juventude (CCCCJ), um grupo pequeno, mas que era a principal organização integralista da década de 1970. Já no fim da vida, afirmava que o integralismo seria um movimento de longevidade, doutrina para os homens do século XXI. Com sua aposentadoria, ocorreram algumas mudanças no movimento integralista. A mobilização dos militantes era muito frágil, poucos mantinham a fidelidade ao chefe.

Em 1975 o líder integralista faleceu após uma parada cardíaca. Segundo os integralistas, Plínio Salgado foi para a milícia do além. O falecimento causou uma adversidade para o movimento, pois não existia mais a liderança e consequentemente, não existia mais unidade entre os integralistas.

No momento do sepultamento, Holanda da Cunha, militante histórico da AIB, ergueu o braço direito e bradou: Anauê! Anauê! Anauê! A exaltação foi entoada por cerca de três dezenas de militantes integralistas que acompanhavam o enterro. Não restavam dúvidas: além de um escritor e parlamentar, os integralistas perdiam seu principal líder. Plínio Salgado deixava de liderar os integralistas em terra e passava a acompanhá-los nas milícias do além. (GONÇALVES, NETO, 2020)

Após a morte de Plínio Salgado surgiu o neointegralismo, caracterizado pela ausência e pela disputa, ausência de Plínio Salgado, o grande líder e a encarnação da doutrina integralista e a disputa, resultado desse espaço vazio que surgiu com a ausência do líder.

Após o fim da Ação Integralista Brasileira e do Partido de Representação Popular, era Plínio Salgado quem definia os rumos do movimento e dos militantes.

Entre 1932 e 1975, foi ele, sem dúvidas, o grande chefe dos integralistas. Em diversas ocasiões, o integralismo era mais que um movimento político, era uma doutrina que inspirava diversas organizações. O integralismo era uma ideia, que passou a ser disputada pelos militantes remanescentes em novos grupos. (GONÇALVES, NETO, 2020)

Após um período de luto e de inoperância, que durou cerca de um ano, os militantes voltaram a se organizar e se articular ao redor de Carmela Patti Salgado, viúva de Plínio Salgado.

Em 1975, foi fundada a Associação Brasileira de Estudos Plínio Salgado (ABEPS), organizada por Carmela Salgado e idealizada para servir como um ambiente de homenagem e exaltação da figura do líder integralista.

Talvez estes tenham sido o propósito e a contribuição mais efetiva do grupo: manter viva a memória de Plínio Salgado e proporcionar, por meio dos encontros realizados, possíveis alternativas para um futuro próximo. (GONÇALVES, NETO, 2020)

Durante os anos de 1970, os integralistas se organizavam em pequenos grupos. Jader Medeiros participava ativamente de um deles a União Operária e Camponesa do Brasil (UOCB), a organização possuía uma orientação sindical, classista e um objetivo bem específico, buscava atuar para romper com avanço de grupos de esquerda em temas conflituosos no campo e na cidade.

A União Operária e Camponesa do Brasil possuía um jornal integralista chamado Renovação Nacional coordenado por Jader Medeiros. O jornal publicava textos de integralistas que aproveitavam o espaço para opinar sobre a história do movimento, assim como debater sobre temas cotidianos e do contexto político. Era um espaço de reflexão e atuação política dos integralistas durante a ditadura.

Com o falecimento de Plínio Salgado, Medeiros foi colocado como peça-chave na disputa dos possíveis novos líderes integralistas. Para isso, o jornal Renovação Nacional passou a ser um importante instrumento político, era apresentado como o jornal de todos os integralistas.

Em outubro de 1972, no quarentenário de fundação da Ação Integralista Brasileira, Jader de Medeiros planejava criar uma organização integralista mais ativa, com o nome Cruzada de Renovação Nacional. Seria o retorno do integralismo como grupo organizado. Descrita como um grande movimento cívico-cultural, teve como primeiro presidente Alfredo Chrispim, antigo secretário de Plínio. Por mais que Medeiros não fosse o presidente da organização, transparecia que havia o interesse em ditar, por meio do jornal, os rumos do integralismo após a morte do chefe.

Nos meses seguintes, o jornal noticiava o processo de organização da Cruzada, que teria atuação em todo o Brasil. No entanto, alguns sinais de ruptura passaram a ser observados. Alfredo Chrispim deixou a presidência do grupo, e o cargo foi ocupado pelo militar reformado Jayme Ferreira da Silva, integralista desde o tempo da AIB.

Em 1978, a Cruzada definiu uma simbologia própria, era uma homenagem às duas mais importantes organizações integralistas até o momento. Em um círculo preto, um sino fazia referência ao símbolo do Partido de Representação Popular. Na face externa, estava inscrita a constelação Cruzeiro do Sul.

Esse adereço fornecia o elo com os plinianos, a porção mais jovem da juventude integralista, que tinha a constelação como símbolo. Essa relação entre passado e presente servia como fio condutor para um futuro integralista. Um futuro hipotético,

no qual Jader Medeiros seria a figura central, o líder desse movimento neointegralista. (GONÇALVES, NETO, 2020)

Contudo a cruzada nunca se estabeleceu como órgão principal dos neointegralistas desde conflitos acerca da forma de organização até as interpretações sobre o passado integralista. O neointegralismo se mostrava como um espaço conflituoso e repleto de disputas por poderes e representatividade. Assim, ainda estava vago o espaço para novos grupos surgirem.

Em 1979, ocorreu a primeira tentativa de refundação da Ação Integralista. Mas, com a extinção do movimento durante o Estado Novo, a sigla usada - AIB - estava legalmente disponível. Seria possível registrar uma nova organização com o mesmo nome. A tentativa de refundar a AIB foi organizada por três militantes: Holanda da Cunha, Walter Povoleri e Gumercindo Rocha Dórea. Holanda da Cunha demonstrava interesse em dar seguimento às organizações integralistas desde o falecimento de Plínio Salgado. Gumercindo Rocha Dórea era importante militante integralista e mantinha certa proximidade com Plínio Salgado.

A iniciativa possuía duas características, no neointegralismo existia uma condição geracional, uma vez que há diversas gerações de integralistas e esses militantes formaram as suas identidades políticas nessa organização.

A primeira característica é que no neointegralismo existe uma condição geracional, visto que são diversas gerações de militantes integralistas que têm ou tiveram relações variadas com o passado integralista de 1932 a 1975. Esses militantes forjaram suas identidades políticas nessas diversas organizações, como AIB, PRP, Centros Culturais da Juventude e assim por diante. Nessas organizações, esses militantes, cada qual à sua maneira, criaram uma relação intensa com o ideal integralista. (GONÇALVES, NETO, 2020)

E a segunda característica é que existia uma referência ao passado, os militantes atuais irão olhar para o passado integralista com o intuito de legitimar sua atuação no presente.

A segunda característica é que, em termos de articulação de grupos integralistas, não há apenas uma referência de passado, isto é, são várias organizações integralistas, e é a partir delas que os militantes atuais vão olhar para o passado integralista, a fim de legitimar sua atuação na atualidade. Ainda assim, a AIB será sempre a principal referência. Afinal, foi durante a atuação da AIB que o integralismo foi criado em uma ótica fascista, assim como foi nesse período que o integralismo teve mais militantes e esteve mais próximo de conquistar o poder, além de ser o momento em que alcançou mais sucesso político. O integralismo da década de 1930 foi também o modelo de organização que impulsionava uma relação política mais intensa dos militantes. (GONÇALVES, NETO, 2020)

Mesmo que Plínio Salgado tenha afirmado que o movimento era mais que uma organização, os militantes buscavam reviver os moldes específicos da Ação Integralista Brasileira, com as camisas verdes e o Sigma.

Em 1979 o contexto político não era mais de perseguição como ocorria em 1965 após a promulgação do decreto que extinguiu todos os partidos políticos. A partir do afrouxamento da ditadura militar, houve o retorno de diversos partidos, anistia de presos políticos e o enfraquecimento dos aparelhos de repressão política. Havia apelo pelo retorno da democracia, discurso que divergia da articulação integralista.

Passados cinco anos desde a morte de Plínio Salgado, o movimento integralista se encontrava diante de se organizar frente à transição democrática, como a ocorrida pós Estado Novo. O movimento neointegralista enfrentava disputas internas, o decréscimo do número de militantes e a reorganização política para se apresentar no cenário político brasileiro.

No período de transição democrática, o integralismo era reconhecido como uma extensão da extrema direita brasileira, o contexto era complexo para o movimento neointegralista, permaneciam fiéis ao ideal de Plínio Salgado, ao Sigma e às históricas camisas verdes.

Ser integralista não era apenas um ato de interesse político como qualquer outro, e sim a persistência de uma atuação antidemocrática em um período em que a democracia era muito valorizada. (GONÇALVES, NETO, 2020)

Neste contexto, era necessário as figuras que atuavam como guardiões do passado integralista. Esses militantes faziam esforço para manter a unidade do movimento integralista, assim como fortalecer os diálogos entre membros do antigo movimento integralista e os novos membros.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação aos acontecimentos na história brasileira não há possibilidade de se discutir a organização política do país sem estabelecer uma relação com o movimento fascista italiano. Plínio Salgado demonstrou que é possível organizar um movimento intelectual e político com bases ditatoriais e antidemocráticas em um contexto de fragilidade política.

Havia, durante os anos de 1930 e 1985, um contexto que propiciava o surgimento de líderes com desejos e imposições de um líder violento e autoritário. Contudo não foi o bastante para que o movimento político liderado por Plínio Salgado crescesse e alcançasse o poder como gostariam. Em conjunto ao planejado pelos integralistas, Getúlio Vargas e os militares desejavam alcançar o mesmo espaço.

Disputa que, em certa medida, limitou o avanço dos ideais fascistas no Brasil entre o governo de Getúlio Vargas e o governo militar. Os integralistas criaram e estabeleceram um movimento político forte, com simbologias específicas e culto ao líder, assim como Benito

Mussolini aconselhou Plínio Salgado. Contudo, ao se colocarem como partido político encontraram dificuldades em criar laços profissionais com outros partidos, o que ocasionou a fragilidade do partido frente às disputas eleitorais.

Mas, mesmo não criando relações políticas estáveis e duradouras, o movimento integralista não se apaga, continua forte e buscando se reestruturar. Cresceu diante do governo de Getúlio Vargas, se refez com a democratização do país pós ditadura do Estado Novo, e se movimentou para não sucumbir após a morte de Plínio Salgado.

Entende-se que o movimento integralista sendo um braço do movimento fascista no Brasil, não pode ser analisado apenas como um dos inúmeros movimentos políticos existentes mas como o princípio de um futuro governo autoritário e ditatorial. Sendo necessário a observância de movimentações semelhantes para que a história não se repita novamente.

REFERÊNCIAS

BERTONHA, João Fábio. **Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 21, nº 40, p. 85-105, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/ThSvKfHst9C9ZBCK5cRgzWs/>.

_____. **Nacionalismos e Impérios: o caso da Itália fascista**. In: PAREDES, Marçal de Menezes; GONÇALVES, Leandro Pereira; ABREU, Luciano Aronne de; SILVEIRA, Helder Gordim da (org). Dimensões do poder: História, Política e Relações Institucionais. 1. ed. Porto Alegre:ediPUCRS, 2015. p. 98-115. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/46620315/Dimensoes_do_poder-libre.pdf?1466356138=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DDimensoes_do_poder_historia_politica_e_r.pdf&Expires=1764622469&Signature=g3Xk1gUjMylam5O8t5wB~niDrkO6uSAN0pOnBn2IxoWmDkjNwlWtEkh9O8fDeBulUfUkl2ArhMthKuzO0UXZKcPGxJzP3pzJp0-3byv0ZMFN8fB2vuQd9qaHCy-vy74Dm7Jz2M2Brl492MWxfEJDHaadmyOY6p-7Kqa~3S5Sw2Ym8vJIT5sL3wU4~mbX0EVrGetNQkq78YhKAOiH1AXFRKEJpcBiTKIEao6Fd-EdICyuFG2mm0xyVTPxO2lsE-l4r071ylQAFRdB1U6cBV DwnwuVJFwHx7jrGvS0tg42nn2HvKxVT8BOxk6ZkaQ2Gm~li1fQz5XjtAenx9mUpGUlcw__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=1.00. Acesso em: 01/12/2025.

_____. **Os integralistas pós-1945. A busca pelo poder no regime democrático e na ditadura (1945-1985)**. Dialogos, p. 63-82, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/36748>.

GUÉRIN, D. **Fascismo e grande capital** [online]. Traduzido por Lara Christina de Malimpensa. Campinas: Editora da Unicamp, 2022.

GONÇALVES, Leandro Pereira; NETO, Odilon Caldeira. **O Fascismo em camisas verdes: do Integralismo ao neoIntegralismo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2020.

PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: EDITORA PAZ E TERRA, 2007.

SOUZA, Francisco Martins de. **O Integralismo: Evolução do Pensamento Político Brasileiro**. São Paulo: Editora da USP, 1989.

SCHARGEL, Sérgio. **Fascismos brasileiros? uma discussão sobre o integralismo e o bolsonarismo**. Albuquerque: Revista de História, vol. 15, n. 29, jan. - jun. de 2023.

TRINDADE, Héglio. **Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.